

A ANÁLISE FISIOCRÁTICA DA REVOLUÇÃO FRANCESA*

Moacir José da SILVA**

RESUMO

Este trabalho consiste numa interpretação das causas econômicas da Revolução Francesa através dos escritos dos fisiocratas. Com isso, o processo da revolução é pesquisado tendo como referências uma fonte documental e um arcabouço teórico não utilizados frequentemente pela historiografia acerca da Revolução Francesa. O pressuposto geral da pesquisa é que os efeitos econômicos da política colbertista explica grande parte do cenário histórico que antecedeu e que levou à eclosão revolucionária.

Palavras-chave: Fisiocracia, história econômica, mercantilismo, Revolução Francesa.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho, em última instância, é retomar a fisiocracia enquanto instrumental de análise que permite

(*) Este artigo é um resumo dos resultados de um Projeto de Pesquisa do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, concluído em fevereiro de 1998 e intitulado de A Revolução Francesa, o pequeno camponês e a Fisiocracia.

(**) Professor lotado desde 1991 no Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá; Av. Colombo, 5790, Câmpus Universitário, 87020-900, Maringá - Paraná, Brasil.

reavaliar a natureza da conjuntura econômica que precedeu a Revolução Francesa.

O texto está dividido em três partes, que se apresentam da seguinte forma:

Na primeira parte, é feito um breve balanço bibliográfico preliminar sobre os fisiocratas. Aqui é identificada uma dimorfia teórica que diferencia economistas e historiadores no trato da Escola Fisiocrática. François Quesnay e Turgot, as duas maiores expressões daquela Escola, apresentam em seus escritos econômicos um gosto pela estatística e pelas mensurações matemáticas que, acrescido do uso de categorias econômicas precisas, conquistaram a consideração e o respeito dos pesquisadores da evolução do pensamento econômico. O mesmo não ocorreu entre os historiadores. Com exceção de raras pesquisas, como é o caso de Alexis de Tocqueville (1982), a historiografia sobre a Revolução Francesa tendeu a minimizar a importância da Fisiocracia como fonte de pesquisa histórica.

A segunda parte do texto é dedicada inteiramente aos estudos econômicos dos fisiocratas; nela, encontra-se também quatro gráficos com dados estatísticos sobre a França setecentista. O objetivo do rápido levantamento estatístico é desvelar o cenário econômico que deu razão de ser às posições daqueles que foram considerados um dos pilares essenciais da Economia Política Clássica. Com o que, o tema central abordado são as distorções econômicas provocadas pela política de proteção às manufaturas e suas implicações para o advento da revolução.

Ao final do texto, é feita uma conclusão sumária de tudo o que foi exposto. A idéia principal em torno da qual se encerra o presente trabalho é a necessidade de repensar a influência do mercantilismo sobre a situação geral da França pré-revolucionária.

Em suma, este trabalho pretende contribuir para o entendimento da consolidação das relações capitalistas na França. A opção pelos fisiocratas justifica-se em especial por dois motivos: primeiramente, dentre os coevos setecentistas, os fisiocratas foram os que melhor apresentaram uma análise econômica da sociedade; em segundo lugar a fisiocracia, valendo-se do princípio da Economia Política de pesquisar as causas do aumento da riqueza partindo de um

ponto de vista circunspecto e universal, torna-se um rico manancial para as pesquisas sobre a natureza histórica do Antigo Regime.

DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA PRELIMINAR SOBRE A FISIOCRACIA

Inspirada no sistema cartesiano e nas doutrinas de John Locke, a Fisiocracia foi uma ramificação teórica da Economia Política Clássica¹. Os fisiocratas elaboraram um fundamento econômico para a filosofia racionalista. Foi precisamente este trabalho teórico que rendeu-lhes o título, reconhecido pelo assentimento geral do meio científico, de *fundadores da economia moderna*. François Quesnay e Turgot, as duas maiores expressões da Fisiocracia², adotaram uma posição bem clara: ambos intentaram mostrar quais eram os obstáculos que, na França de então, inviabilizavam o aumento geral da renda e da riqueza nacionais. Os obstáculos à produção da riqueza, segundo os fisiocratas, eram políticas contra a liberdade de comércio; desse modo, ele foram identificados com a doutrina do *laissez faire*. Essa posição definida de defesa do liberalismo econômico gerou grande parte das controvérsias a respeito da Fisiocracia.

(1) A influência de Locke em Quesnay aparece de maneira mais clara no Verbetes Evidence, escrito em 1757; nele, a fisiocracia retomou o debate sobre o racionalismo procurando demonstrar a necessidade do conhecimento sensorial, não apenas para auxiliar no domínio da natureza, mas também para explicar as relações humanas.

(2) O movimento fisiocrático teve dezenas de discípulos, entre eles encontramos Diderot, Dupont de Neumours, Buffon e o Abade Boudeau. Diderot legou uma vasta produção filosófica preocupada com o embate contra alguns princípios teológicos. Tal como seus colegas iluministas, ele preocupou-se com defesa do uso da razão e do conhecimento sensível. Ademais disso, também se dedicou ao empirismo. Outra contribuição de Diderot para a França do século XVIII se deu no sentido político. Foi ele o grande organizador do movimento da Enciclopédie francesa. No entanto, quando se trata de fazer uma história econômica da Revolução Francesa, a contribuição de Diderot parece ser bem reduzida. Ele não se detém, como os fisiocratas, no problema da estrutura econômica do Antigo Regime que gerou o problema agrícola e o pequeno camponês. Quando tratava do problema dos camponeses na França, Diderot era levado pelas mesmas paixões políticas que apareciam na sua obra filosófica. Isso percebemos no verbete Lavrador, que ele escreveu para o Enciclopédie em 1751.

Nos debates acadêmicos sobre os fisiocratas, é possível estabelecer, de um modo geral, dois grandes divisores. Uma primeira distinção pode ser feita entre os economistas e os historiadores; a segunda divisão está situada no seio dos pesquisadores da história.

Certamente em maior grau do que os historiadores, os economistas tenderam a aquilatar com deferência o significado da fisiocracia. Um bom exemplo disso foi o modo como os pesquisadores da evolução do pensamento econômico interpretaram a importância política e teórica dos fisiocratas. Tomemos, pois, alguns exemplos:

Eric Roll (1972) na sua *História das doutrinas econômicas* refere-se com bastante entusiasmo aos escritos fisiocráticos. Ele faz parte do rol de economistas³ que realçaram a Fisiocracia no contexto da evolução das idéias econômicas⁴. Para ele, os fisiocratas fundaram, de fato, a ciência econômica moderna, especialmente com a teoria sobre a reprodução e a distribuição da riqueza; e acrescenta:

A Analyse du Tableau économique do próprio Quesnay é uma explicação muito simplificada do processo da circulação e da reprodução [...]; mas, dentro de seus limites, podemos considerá-la consistente e brilhante. (Roll, 1972:121)

Outro grande exemplo dessa concepção é HUNT (1982); segundo ele, a grande influência de Quesnay sobre o pensamento econômico moderno pode ser resumida em três tópicos principais:

(1) a noção de trabalho produtivo e improdutivo e de excedente econômico; (2) a interdependência mútua dos processos de produção; (3) os fluxos circulares da moeda e

⁽³⁾ Idéias semelhantes às de Roll podem ser encontradas em Paul Hugon que, na sua obra *Evolução do pensamento econômico* (1967) considera o Quadro Econômico de Quesnay como sendo a primeira explicação sistematizada da economia. Mai do que isso, para Hugon, aquela obra não só explicou a produção e a circulação da riqueza, tal como diz Roll, como também descreveu toda a vida econômica da sociedade penetrando no âmago das questões cruciais.

⁽⁴⁾ Outro pensador que salientou a relevância teórica dos fisiocratas foi Shumpeter; Na sua análise dos fundamentos do pensamento econômico, ele observa, entre outras, o seguinte: antes de Quesnay, havia apenas generalizações sobre partes isoladas do corpo econômico: com a fisiocrata se vê esse corpo funcionando fisiologicamente e interligado. A relação de interdependência dos setores da economia seria, para Shumpeter, a maior contribuição e a grande descoberta dos fisiocratas.

das mercadorias e as crises econômicas que podem ser causadas pelo entesouramento do dinheiro. (Hunt, 1982 : 57)

Rolf Kuntz⁵ dedicou um trabalho inteiro à fisiocracia, *Capitalismo e natureza* (1982). Nele, encontramos uma pesquisa englobando a maioria dos Verbetes que os fisiocratas escreveram para o movimento da Enciclopédia. A conclusão de Kuntz é que a fisiocracia, além de oferecer uma descrição minuciosa da estrutura agrária francesa, formulou, com a crítica da produção de subsistência no campo, uma espécie de *teoria do desenvolvimento econômico da França*.

Contudo, no seio da historiografia sobre a Revolução Francesa, os fisiocratas não gozaram do mesmo valor que se lhes foi atribuído pelos economistas. Examinando as pesquisas sobre a aquela revolução, verifica-se facilmente a existência de uma tendência a minimizar a contribuição teórica e política dos fisiocratas para a compreensão do processo que culminou com a erupção revolucionária. Vejamos mais de perto esse aspecto da questão:

R. Rémond (1976), tal como grande parte dos historiadores, enfatiza, por um lado, o papel das idéias no movimento revolucionário francês; diz ele,

Os fatores de ordem intelectual e ideológica e o movimento das idéias do século XVIII concorreram amplamente para a gênese da Revolução. (Rémond, 1976 : 112)

Contudo, Rémond não dedica atenção especial ao movimento fisiocrático; para ele, os filósofos iluministas é que foram os grandes protagonistas intelectuais da revolução. Os fisiocratas não teriam passado de reformistas sociais que contribuíram parcialmente para a *Encyclopedie*.

Outra tendência observada na historiografia da Revolução Francesa ocupou-se de mostrar a identificação da fisiocracia com o ideário burguês setecentista. Em **A grande revolução francesa**, Manfred (1986) concebeu a fisiocracia como expressão pura da ideologia burguesa, leiamos:

(⁵) Rolf Kuntz foi também apresentador e organizador de várias publicações dos escritos fisiocráticos; dentre eles, destaca-se especialmente Quesnay: economia, publicado pela Editora Ática, em 1984.

A doutrina dos fisiocratas exprimia, pois, mais claramente que qualquer outra doutrina dos filósofos franceses burgueses do século XVIII, os interesses da burguesia que havia amadurecido e que pretendia dar livre curso à sua iniciativa (Manfred, 1986 : 49)

Todavia, nenhuma importância maior é dada por ele aos fisiocratas nos estudos sobre a Revolução Francesa.

Outro exemplo importante dessa tendência foi Albert Soboul (1974) , da mesma forma como Rémond (1976), ele também enfatizou a origem intelectual da revolução na construção de uma filosofia burguesa no século XVIII; disse, ele, que:

Os fisiocratas, não obstante um espírito conservador, contribuíram para essa nova orientação do pensamento do século, ao abordar a questão econômica. (Soboul, 1974 : 55)

Mais à frente, Soboul resume seu pensamento acerca da fisiocracia:

Os fisiocratas exigiam um governo forte, mas no qual a força estivesse subordinada à defesa da propriedade; o estado não devia ter outra função que a repressiva. O movimento fisiocrático rematava, assim, uma política de classe, em benefício dos proprietários agrícolas. (Idem : 55)

Embora admitindo a relevância da fisiocracia no movimento de idéias que precedeu a revolução, Soboul (1974) identifica aquela Escola de pensamento com a defesa unilateral dos arrendatários agrícolas. Vista, portanto, dessa maneira, ou seja, como uma teoria burguesa conservadora, a fisiocracia seria demasiadamente parcial para constituir-se num rico manancial para as pesquisas em torno da revolução. Relegados à segundo plano, Quesnay e Turgot, são tomados mais como leituras informativas sobre o período do que como referenciais de análise da estrutura econômica pré-revolucionária.

Esse lenimento do brilho teórico dos economistas⁶ encontra-se, igualmente, também em Georges Lefebvre (1966); ele compartilhava da idéia de que os fisiocratas careceram de uma visão mais ampla que

⁽⁶⁾ Os coetâneos da fisiocracia usualmente chamavam seus adeptos de Économistes.

pudesse explicar as transformações sociais. Nesta ótica, os verbetes fisiocráticos tomariam o cariz conservador inerente a uma burguesia que irrompeu no cenário histórico:

[Os fisiocratas] pretendendo aplicar, também eles, o método de observação à história, e deixando-se guiar, todavia, por suas preferências irracionais, interdavam ao homem a esperança do progresso organizado, e tendiam à conservação das instituições atuais, que consideravam como providencialmente engendradas ou nascidas de uma experiência coletiva. (Lefebvre, 1966: 72)

Os argumentos utilizados por Shennan, embora permitam entender os motivos pelos quais a realeza deu guarida à Fisiocracia, caminha na mesma direção. Os preceitos liberais que preconizavam o aumento da riqueza nacional e a revitalização da economia tornaram-se convenientes para um Estado embretado por uma grave crise financeira:

A desesperada falta de meios financeiros, por parte do governo começava a estar cada vez mais nitidamente ligada à necessidade de mudanças fundamentais na estrutura social e econômica do país. Quando a desastrosa Guerra dos Sete Anos terminou, em 1763, ficou decidido fazer uma experiência segundo as linhas sugeridas pelos fisiocratas. (Shennan, 1985 : 23-24)

Ainda assim, mesmo reconhecendo a influência econômica dos fisiocratas, Shennan insiste que ela teve alcance limitado dado curto período de tempo em que ela foi posta em prática⁷.

Todavia, conforme foi dito anteriormente, é possível marcar um divisor no modo como os historiadores trataram os fisiocratas.

A obra de Tocqueville, *O antigo regime e a revolução* (1982), pode ser considerada como uma das grandes exceções à esse quadro geral da historiografia⁸. Ele ocupou lugar de destaque dentre o

⁽⁷⁾ O fim da experiência prática com as idéias fisiocráticas na França é normalmente datado de 1776, ano em que Turgot, o mais influente dos fisiocratas, perdeu o cargo de Ministro das Finanças de Luiz XVI.

⁽⁸⁾ Tendo baseado seus estudos na obra de Tocqueville, François Furet (1989) também adotou as mesmas idéias gerais acerca dos fisiocratas.

diminuto número de historiadores que se valeram da Escola fisiocrática como fonte de pesquisa sobre a Revolução Francesa:

Os economistas (fisiocratas) tiveram menos brilho na história do que os filósofos; e talvez contribuíram menos que estes ao advento da Revolução. Os filósofos quase não saíram de idéias muito gerais e muito abstratas em matéria de governo; os economistas, sem se separar das teorias, desceram todavia mais perto dos fatos. (Tocqueville, 1982 : 155)

Ao contrário dos iluministas, os fisiocratas eram pessoas ligadas diretamente às decisões administrativas; isso em grande parte explicava o tom ameno e moderado dos seus escritos. Essa foi a principal razão para que *O antigo regime e a revolução* (Tocqueville, 1982) trouxesse fartas referências aos fisiocratas. Em suma, os économistes, como administradores da sociedade, investigavam a fundo as questões econômicas; prossegue Tocqueville:

Ao contrário, todas aquelas que podem ser consideradas como a obra da Revolução foram anunciadas por eles de antemão e preconizadas com ardor; citar-se-ia dificilmente uma só cujo gérmen não tivesse sido depositado em alguns dos seus escritos; neles encontramos tudo que nela há de mais substancial. (Idem: 155)

Feitas essas considerações de ordem bibliográfica em torno do pensamento fisiocrático, passaremos agora a ver em que termos ele pode ser de grande valia para os estudiosos das causas econômicas que levaram à Revolução Francesa.

A ANÁLISE FISIOCRÁTICA DA CONJUNTURA ECONÔMICA PRÉ-REVOLUÇÃO FRANCESA

À *outrance*, se tem atribuído uma espécie de *agromania* aos fisiocratas. Na verdade, Quesnay e Turgot fizeram uma análise sóbria e ponderada da agricultura francesa. Isso deveu-se sobretudo ao ponto de partida da análise fisiocrática, a *investigação das causas e obstáculos ao aumento da riqueza geral do reino*. De acordo com esse pressuposto, nenhum setor da economia deveria ser protegido, nem mesmo o agrícola.

Muito mais do que defensor dos grandes proprietários arrendatários, Quesnay ocupou-se dos interesses gerais da França no mercado internacional. Como corolário, temos que as concessões governamentais também não deveriam abranger os grandes proprietários agrícolas. Foi precisamente essa noção indistintamente circunspetiva de mundo que converteu os escritos fisiocráticos num rico e profundo referencial para os pesquisadores das causas econômicas da Revolução Francesa; através dele é possível visualizar claramente que as distorções econômicas que prepararam a revolução foram frutos do intervencionismo mercantilista.

Justamente por estar descomprometido com a proteção econômica a qualquer setor específico da sociedade, Quesnay pôde contar com uma sensibilidade histórica ímpar, mesmo perante seus coevos. Exemplo disso foi a sua previsão econômica da revolução já em 1757:

Uma nação que tenha um grande território e que faça baixar o preço dos gêneros produzidos em suas terras para favorecer a fabricação de obras manufaturadas destrói-se por todos os lados. (Quesnay, 1986 : 335)

Para entender adequadamente a posição dos fisiocratas, primeiramente é preciso refazer o cenário econômico que levou-os a enaltecem a agricultura e, concomitantemente, repudiarem, não as manufaturas, mas sim o protecionismo e os subsídios à mesma. Aqui, a agricultura é a grande fonte de riqueza, mas esta fonte, no entanto, não é excludente das manufaturas. No *Verbetes Cereais* (Quesnay, 1986), vê-se que o fisiocrata não se posicionava contra o estabelecimento das manufaturas em solo francês:

Uma nação que tenha grande comércio de gêneros produzidos em suas terras pode sempre manter, pelo menos para ela, grande comércio de mercadorias manufaturadas. Isso se dá porque tal nação sempre pode pagar, em função das rendas de seus bens de raiz, aos operários que fabricam as obras manufaturadas das quais têm necessidade. (Op. cit. : 335)

O reinado de Louis XIV (1643-1715) foi marcado pelo controle do governo sobre a economia. Colbert, encarregado dos negócios internacionais e imbuído do espírito mercantilista, assinou inúmeros

decretos, de 1661 a 1683, favorecendo e protegendo a criação de manufaturas na França⁹. Não se pode subestimar o alcance e os resultados econômicos da política colbertista; vejamo-la, pois, com o auxílio de dados estatísticos:

Gráfico 1 nos permite comparar a taxa de crescimento das manufaturas têxteis tradicionais¹⁰ em diversas Províncias francesas:

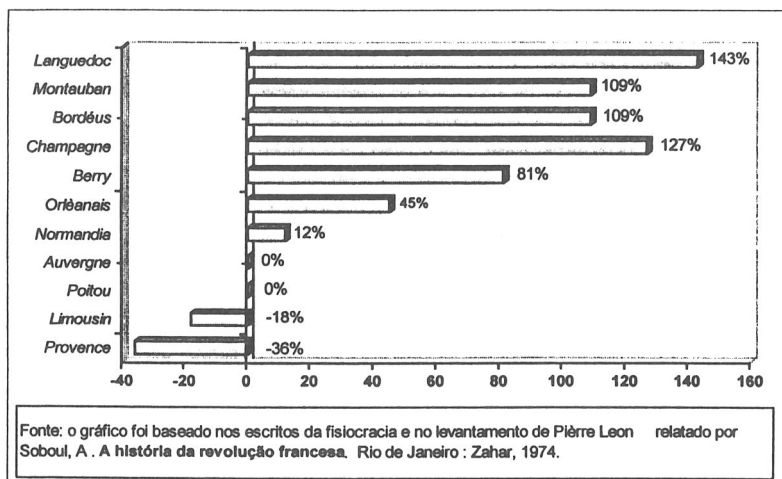


Gráfico 1. Taxa de crescimento da indústria têxtil tradicional na França no século XVIII, por Província.

Naturalmente, sem deixar de considerar o grau aproximativo dos dados estatísticos do período, somos levados a crer que o

⁽⁹⁾ Alguns autores como, por exemplo, Sismonde de Sismondi (1971), que pesquisaram o mercantilismo francês explicaram que ele representava uma aliança da aristocracia com os comerciantes visando dividir os lucros da comercialização dos produtos manufaturados. Para o economista francês essa aliança se deu em detrimento dos interesses gerais da França.

⁽¹⁰⁾ Conforme Soboul (1974), dentre as manufaturas têxteis tradicionais, inclui-se as que trabalhavam com tapetes, tecidos de linho e cânhamo.

protecionismo manufatureiro criou dois grandes contrastes sociais. Por um lado, gerou uma abrupta desigualdade econômica entre as Províncias¹¹. Por outro lado, o segundo contraste se deu entre os segmentos da sociedade; os subsídios governamentais às atividades manufatureiras, juntamente com o protecionismo alfandegário, permitiram o enriquecimento rápido dos comerciantes privilegiados em contraposição ao empobrecimento geral da população francesa. O que vemos aqui é o substrato econômico da cisão política entre as classes sociais que deu impulso à revolução.

Do Gráfico 2, infere-se que o reinado de Louis XV deu continuidade ao protecionismo manufatureiro iniciado no período anterior¹²:

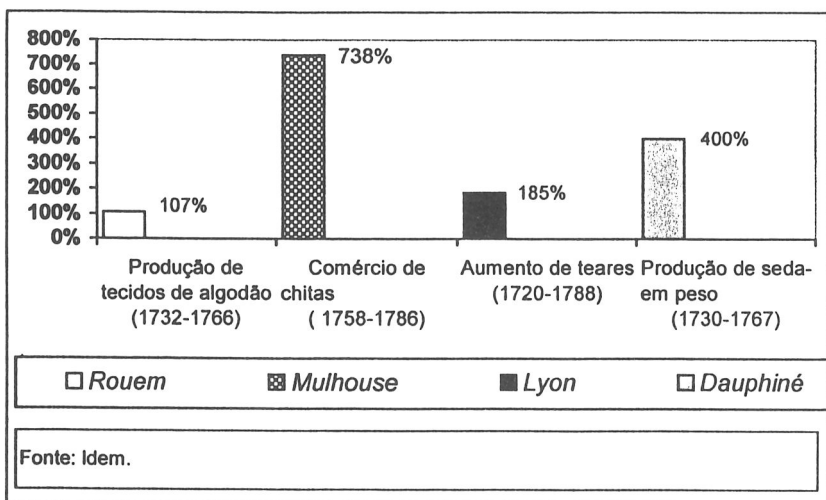


Gráfico 2. Indicadores da evolução geral da nova manufatura têxtil na França no século XVIII: taxa de crescimento por Província.

(11) O viajante inglês Arthur Young, que visitou a França no final do século XVIII, relatou, em *Voyages em France*, o contraste entre as Províncias que floresciam economicamente e as mal construídas, sujas e pobres.

(12) Segundo Soboul (1974), as manufaturas novas eram aquelas que usavam tecnologia recente na fabricação de tecidos de algodão ou de outros materiais com estampas.

Para completarmos, portanto, o quadro econômico geral ao qual se referia os fisiocratas, foi composto o Gráfico 3, onde são traçadas duas linhas comparando os índices dos Gráficos 1 e 2 referentes ao crescimento das manufaturas têxteis novas e tradicionais.

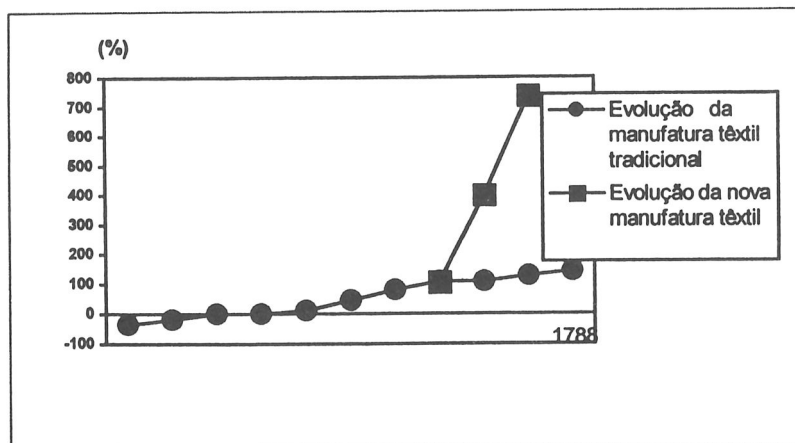


Gráfico 3. Quadro comparativo dos indicadores da evolução geral das manufaturas têxteis novas e tradicionais na França no século XVIII.

O período que corresponde à existência da Fisiocracia, a segunda metade do século XVIII, foi marcado, portanto, por uma intensificação do surgimento das manufaturas oriundas dos incentivos governamentais.¹³

Ainda no intuito de haurir o contexto econômico pré-revolucionário e verificar a extensão do protecionismo manufatureiro, vejamos no Gráfico 4 a participação dos manufaturados no aumento das exportações da França setecentista.

⁽¹³⁾ No final do século, em 1776, Turgot, controlador geral das finanças de Louis XVI, ainda se debatia com os éditos governamentais protetores das manufaturas; exemplo disso foi o seu *Verbete Edit sur les jurandes*.

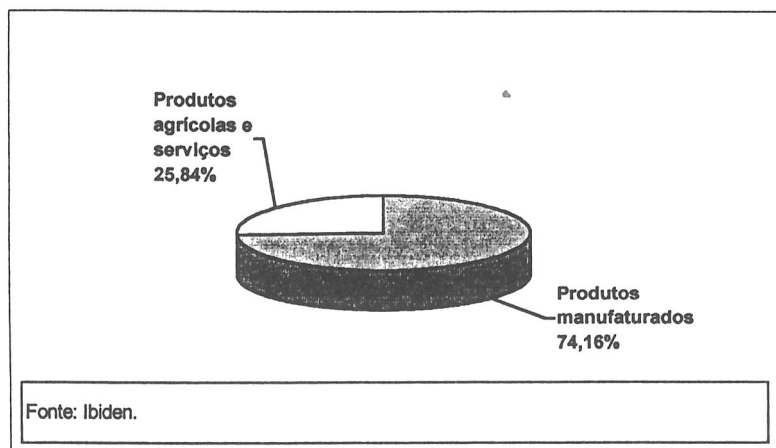


Gráfico 4. Participação dos setores da produção no crescimento do volume global das exportações na França em 1787.

O fato é que diante desse quadro, os fisiocratas, afeitos às estatísticas e mensurações econômicas em geral, indagaram se esses subsídios e privilégios às manufaturas contribuíram para o aumento da riqueza geral da França.

Não resta dúvida que a França pré-revolucionária era um país pobre debatendo-se com a fome e a miséria que, inclusive, foram os combustíveis da revolução. Sobre isso, estão em acordo os observadores coetâneos e os historiadores atuais. De per si, a realidade empírica mostra os resultados insatisfatórios da política protecionista manufatureira.

Assim, para os fisiocratas, o problema da França era exceder, com o protecionismo, a sua capacidade de crescimento; eles raciocinavam da mesma maneira que Adam Smith:

A atividade geral da sociedade nunca pode ultrapassar aquilo que o capital da sociedade tem condições de empregar. (Smith, 1983 : 377)

Não há regulamento comercial que possa aumentar a quantidade de mão-de-obra em qualquer sociedade além daquilo que o capital tem condições de manter. (Idem : 378)

Para operacionalizar semelhante crescimento econômico, a política Colbertista provocava um fluxo artificial de capitais rumo às atividades manufatureiras. O grande mérito da Fisiocracia foi justamente mostrar que a ausência dos bens de raiz, ou seja, de uma renda nacional que sustentasse naturalmente os investimentos nas manufaturas, transformava-as num ramo da produção desvantajoso para o país. Quesnay (1986) apontava duas razões principais que inviabilizavam o estabelecimento artificial de manufaturas na França. A primeira delas estava ligada às condições internas marcadas pelo baixo nível da renda nacional. A outra razão para isso era que o mercado internacional mantinha-se favorável aos manufaturados ingleses.

É portanto diante dessas condições que os fisiocratas apontam a agricultura como a *ocupação mais vantajosa* para a França, como o único setor da produção que, em conformidade com a conjuntura econômica específica, é capaz de produzir um excedente. (Quesnay, 1969)

Quanto às manufaturas, elas deveriam surgir, segundo a ótica fisiocrática, como resultado natural do livre jogo das forças do mercado e, para isso,

A França poderia, desde que o comércio fosse livre, produzir abundantemente os gêneros de primeira necessidade suficientes a um grande consumo e a um grande comércio exterior e que poderiam manter no reino um grande comércio de obras manufaturadas. (Quesnay, 1986 : 337)

O caminho contrário, aquele trilhado pelo Colbertismo, confundia investimento com desvio de capital de atividades mais vantajosas para outras menos lucrativas.

CONCLUSÃO

A fisiocracia, portanto, oferece uma rica interpretação dos desdobramentos econômicos, políticos e sociais do mercantilismo que, num contexto mais abrangente, engendraram a própria revolução.

Sob os reinados de Louis XIV, XV e XVI, a insistência na política manufatureira de cunho protecionista afastou os investimentos do setor agrícola. A agricultura francesa entrou numa grave crise e

arrastou com ela toda a economia; o líder dos *économistes* registrou isso:

Então, as forças do reino destrõem-se; as riquezas aniquilam-se, os impostos sobrecarregam os povos e as rendas do soberano diminuem. (Quesnay, 1986 : 336)

Com as forças do mercado desorientadas por causa dos incentivos governamentais, a agricultura estiolou-se em pequenas propriedades voltadas para a subsistência; Arthur Young, os iluministas voltarianos e os *économistes*, observadores coevos que foram, puseram a nu a pobreza do pequeno campônio. Os fisiocratas, no entanto, foram os que mais denunciaram essa miséria rural:

"Quando o próprio camponês lavra a terra, está dando uma demonstração de sua miséria e de sua inutilidade. Quatro cavalos cultivam mais de 100 arpentés de terras. Quatro homens não cultivariam oito " (Quesnay, 1984 : 99)

Em Cereais, conclui o fisiocrata:

Estes, (os pequenos proprietários) na impossibilidade de suportarem as despesas de um bom cultivo, não tendo condições de pagar o salário de empregados domésticos e de operários; não podem empregar camponeses. A terra sem adubo e quase inculta só pode deixar uns e outros definharem na miséria. (Quesnay, 1986 : 339)

Preocupada em mostrar as causas da prosperidade geral e do aumento da renda nacional, a Fisiocracia desvela uma estrutura econômica que está sendo ruída pela política colbertista. O empobrecimento geral da população fez com que os impostos se tornassem mais odiosos ainda; o mesmo ódio se espalhou contra outras instituições do antigo regime.

Com efeito, pouca ênfase se tem dado à influência do mercantilismo na irrupção da Revolução Francesa. Eis a grande lição que se pode tirar dos fisiocratas: uma economia baseada numa radical concentração de renda nas mãos de comerciantes e aristocratas; uma sociedade dividida, de um lado, uma minoria privilegiada e, do outro, uma maioria dizimando-se na miséria total e; portanto, uma estrutura social e econômica que diminui a renda nacional; tal estado de coisas não poderia sobreviver por muitos anos. Os fisiocratas não só

preconizaram, como também revelaram a natureza da desintegração daquela sociedade que hoje chamamos, iniludivelmente, de *Antigo Regime*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAIRE, E. *François quesnay et la fisiocratie*. Paris: INEF, 1976.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- DIDEROT, D. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- FURET, F. *Pensando a revolução francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HUGON, P. *Evolução do pensamento econômico*. SP: Atlas, 1967.
- HUNT, E. K. *História do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1982.
- KUNTZ, R. *Capitalismo e Natureza*. SP, Brasiliense: 1982.
- KUNTZ, R. (org) *Quesnay : economia*. São Paulo: Ática, 1984.
- LEFEBVRE, G. *A revolução francesa*. São Paulo: IBRASA, 1966.
- MANFRED, A. *A grande revolução francesa*. São Paulo: Ícone Ed., 1986.
- QUESNAY, F. *O quadro econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1972.
- QUESNAY, F. *Quadro econômico dos fisiocratas*. São Paulo: Nova Cultura, 1986
- RÉMOND, R. *O antigo regime e a revolução: 1750-1815*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- ROLL, Eric. *História das doutrinas econômicas*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1972.
- SCHUMPETER, J. *Fundamentos do Pensamento Econômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- SHENNAN, J. H. *A França antes da revolução*. Lisboa: Gradiva, 1985.
- SISMONDI, J. C. L. Sismonde de. *Nouveaux principes d'economie politique ou de la richesse sans rapport avec la population*. França : Calmaan Levy, 1971.

- SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1983.
- SOBOUL, A. *História da revolução francesa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- TOCQUEVILLE, A. *O Antigo Regime e a Revolução*. Brasília: Ed. da UnB, 1982.
- TURGOT. J. A. *Écrits Economiques*. França : Calmaan-Levy. 1970
- TURGOT. J. A. *Edit sur les Jurandes* (1776). Paris: S.E.D.E.S., 1967
- YOUNG, Arthur - *Voyages En France*. Paris: L.O.R., 1978.